

13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

FILOSOFIA

(RE)INVENÇÃO DE PLATÃO

¹ Rafael Lemos (IC-UNIRIO); ² Rosana Suarez (orientadora)

1- Departamento de Filosofia; Centro de Ciências Humanas e Sociais; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

2- Departamento de Filosofia; Centro de Ciências Humanas e Sociais; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Apoio Financeiro: UNIRIO

Palavras-chave: Platão; tradução; ética.

INTRODUÇÃO

Uma coisa parece passar despercebida (em maior ou menor grau) dentro da obra de Platão: sua inventividade literária. Fica claro nas traduções consultadas em nossa pesquisa que as mesmas estão pouco ou nada interessadas na desenvoltura com que Platão faz uso das técnicas poéticas para elaborar seus textos. Disto decorre uma tradução que, se por um lado preocupada com os conceitos, com o significado, com o texto em sua inteligibilidade, por outro descuida do significante, da forma, do texto em sua materialidade sensível. Podemos pensar, numa primeira consideração, que a forma não é essencial em um texto filosófico. No entanto, devemos considerar uma segunda vez e pensar o Platão em sua particularidade. Platão, nos conta a história, chega em Atenas com o desejo de ser tragediógrafo; ao encontrar Sócrates, rende-se à filosofia. Mas Platão é, efetivamente, um poeta, seu desejo não cala. Isto fica claro nos originais de seus escritos (quer dizer, não os que Platão escreveu, mas dos textos copiados ainda em língua grega): o que se lê não são apenas conceitos e definições enrijecidos, cristalizados, mas permeados de assonâncias, aliterações, interjeições, metáforas, noções dramáticas de movimento, de tempo de fala. Em suma: uma língua viva num cenário vivo! Platão escreve no limiar da palavra oral, quando a escrita começa a tomar forma e se estabelecer como suporte na Grécia. Mas a maioria da população ainda é analfabeta, a tradição oral ainda é mais forte: Platão sabe disso e por isso conjuga, sintetiza: o texto de Platão é um texto para ser lido, mas lido em voz alta para os demais que ouvem, e por isso contém todos os artifícios de um canto poético, uma epopéia ou estrofe de um coro, porque é feito para ser guardado, memorizado pelo ouvido, não pelo olho. Mas deixemos claro: Platão não é um poeta. Platão é ouvinte de Sócrates, tem projetos para a mudança na educação da Grécia antiga.

OBJETIVO

Nosso objetivo com este trabalho é 1) introduzir, a partir de um trecho comparado, traduzido e comentado do Banquete, às técnicas de construção textual que porventura possam ter passado despercebidas nas demais traduções; 2) uma exegese que vise entender (ou tentar intuir) como Platão faz uso destas técnicas para efetuar sua mudanças na concepção de educação; 3) tomando o trecho referido acima por exemplo, levantar a discussão sobre a tradução e seus limites na contemporaneidade.

METODOLOGIA

Leitura dos textos teórico-filosóficos constantes na bibliografia do projeto acerca dos temas principais (a saber, tradução e Filosofia Antiga); comparação entre traduções do Banquete e o texto estabelecido (na versão de John Burnet); encontros e discussão com minha orientadora.

RESULTADOS

Nossa pesquisa aponta para a impossibilidade de uma tradução que se pretenda definitiva. Além disso, visto as traduções terem suas próprias motivações, a pesquisa entende que um estudo que vise entender e, dentro dos limites possíveis, reconstituir o cenário sócio-político em que foi possível um Platão e, com ele, uma mudança fundamental na Paidéia grega, se faz necessário estar aberto e não se ater à uma, mas dialogar com todas as linhas de força que movem os comentadores e trazer para o campo a Filosofia o método comparativo, de modo a reavivar uma faceta do pensamento muitas vezes esquecida pelos próprios filósofos (não por culpa destes, mas pelo hábito tradicional de seu ofício: lidar com o inteligível): a superfície do signo, materialidade possível ao texto.

CONCLUSÃO

1) Sobre o método comparativo das traduções: nos mostrou que certas partes do texto original grego são simplesmente intraduzíveis (como interjeições antigas, que não podemos sequer conceber como eram pronunciadas, isto é, o tom de voz que adquiriam no meio de um diálogo). Não obstante, e talvez por estarmos lidando com um texto do cânone filosófico (e, por isso não entendido como produção estética), mesmo os tradutores mais livres e inventivos se mostram receosos de encontrar saídas para determinadas passagens (como a própria interjeição ou as aliterações) que pudessem fugir muito a uma tradução literal do texto; 2) Sobre o projeto platônico: Platão executa, como base de seu projeto, uma mudança na concepção de verdade da Grécia antiga e isto se mostra determinante para todo um novo entendimento da educação na Grécia. Em Platão, é a verdade que está em jogo: em linhas gerais, a tradição mitológica jamais permitiria uma estrutura modelar do conhecimento. Para que a teoria das idéias se mostre como verdade, portanto, é necessário por de lado a verdade como fenômeno e revelação e instituir uma verdade que aparece em graus, sempre derivada de um modelo, a rigor, inatingível, exceto pela compreensão intelectual. Daí deriva a questão de quem estaria capacitado a

13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

compreender o modelo e, portanto, a estrutura em sua totalidade: é onde Platão entra (não só no Banquete, mas igualmente na República e talvez de modo menos claro) nos assuntos que dizem respeito à função do filósofo. Tornando o argumento conciso, se daria assim: se a verdade é interdita ao sensível, tudo o que nos resta é dóxa (opinião). No entanto, de todas as opiniões, há que se concentrar na opinião correta. A opinião correta é o único caminho de onde se parte para trilhar o caminho da teoria das idéias até seu topo: a idéia de Bem. No entanto, há, aparentemente um “furo” na argumentação, que é: como reconhecer a opinião correta e a idéia de Bem entre as demais? Esta resposta não aparece no Banquete, mas está dada em outro diálogo, o Mênon, onde aparece a máxima “Conhecer é rememorar” e rememorar diz respeito a já ter visto às idéias enquanto não se reencarnava no mundo sensível. Isto significa: o filósofo é aquele que já viu as idéias; ele segue a trilha certa não porque aprenda, mas porque reconheça a trilha certa. Isto transforma a teoria das idéias num processo teleológico e inescapável, por assim dizer, uma “ortodoxia” (que é o que quer dizer se tomado ao pé da letra, “opinião correta” em grego, orthé dóxa).

REFERÊNCIAS

- CAMPOS, Haroldo de. Da tradução como criação e como crítica. In: Metalinguagem. São Paulo: Cultrix, 1976.
- CHERNISS, H. F. A Economia Filosófica da Teoria das Idéias. Tradução de Irley Franco.
- HAVELOCK, Eric. La Musa Aprende a Escribir. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica S.A., 1996.
- JAEGER, Werner. Paideia. São Paulo: Martins Fontes, 1979.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. A Filosofia na era trágica dos gregos. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.
- PLATÃO. Tradução de NUNES, Carlos Alberto. O Banquete. Acompanha texto original estabelecido por John Burnet. Belém: Edufpa, 2011.
- _____. Tradução de SCHULLER, Donaldo. O Banquete. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.
- _____. Tradução de SOUZA, José Cavalcante de. O Banquete. In: Diálogos. São Paulo: Abril Cultural, 1979 (Coleção Os Pensadores).
- SUAREZ, Rosana. Platão professor aos olhos do professor Nietzsche. In: Assim falou Nietzsche. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999.